

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 13 (103) — 10-6-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
OORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A Revolução russa

A propósito, ou a despropósito de combater as ideias libertárias, corre mundo uma frase que prova, dum modo absoluto, a má fé e a velhacaria dos comunistas-autoritários. Segundo a olímpica grandeza desses aspirantes a tiranos, desses prestidigitadores de fórmulas sociais arrancadas à pura filosofia do sistema capitalista, a frase maldita, diabólica, satânica, — a frase que sôa, por toda a parte, como um clarim de guerra, é esta: *os anarquistas combatem tenazmente a Revolução russa.*

É falso. Não há, não pode haver um único anarquista, digno de tal nome, que combata a Revolução russa.

A prova do que afirmamos, encontra-se no facto inconteste de que foram os anarquistas os primeiros indivíduos que demonstraram ao mundo inteiro o valor intrínseco dessa Revolução. Foram eles, e só eles, que, baseados na História, provaram, com documentos incontrovertíveis, que essa Revolução não era mais do que o complemento da Revolução Francesa.

Foram os anarquistas que, através dos maiores perigos — desdenhando perseguições, vilanias, arbitrariedades, prisão, desterro, exílio, traduziram, imprimiram, distribuíram os primeiros clarões que essa Revolução vinha projectar em todos os cantos do globo. Numa palavra: foram os anarquistas que a tornaram conhecida. Sem eles, esse movimento soberanamente heróico, teria ficado, durante muito tempo, circunscrito aos quatro pontos cardinais da Rússia.

Em todos os países, os anarquistas seguiam, com uma atenção digna da sua consciência, todas as fases desse movimento. A plebe russa, calcada, esmagada, triturada, através dos séculos, pela autocracia e pelo czarismo; essa plebe, que gemia, horrorosamente, sob o *tsar*; que padecia e que pedia,

humildemente, uma fineza, uma graça, aos donos, aos senhores, aos bandoleiros que se tinham apropriado do património comum — essa plebe erguera-se sobranceira, e, num momento dado, quebrara todos os elos da pesada cadeia que a jungia ao carro dos preconceitos, da hipocrisia e da escravidão!

Salientar o valor dum movimento desta natureza, descrevê-lo, cantá-lo, era um dos maiores deveres que se impunham a todos os revolucionários sinceros, a todos os anarquistas.

A História apresentava-nos diferentes revoluções; mas nenhuma delas tinha as características da Revolução russa. Que admirar, pois, que fossem os anarquistas os primeiros indivíduos a torná-la conhecida das multidões sequiosas de justiça, de pão e de liberdade? Sendo a liberdade a mais bela e a mais pura manifestação da Vida, e sendo a Revolução russa essencialmente libertária nos seus princípios, qual era o homem que, dizendo-se anarquista — isto é, partidário da liberdade, de toda a liberdade — ficaria silencioso perante um facto de tanta grandeza moral e social?

Assim, os anarquistas amaram e exultaram, e continuam a amar e a exultar a Revolução russa. O que eles não podem amar nem exultar — e isto que fique dito duma vez para sempre — é os homens que se apossaram dela, transformando uma sociedade de amigos, uma fraternidade de irmãos, num Estado despótico e tirânico, num capitalismo estatal agressivo e explorador.

O ponto de apoio dessa Revolução grandiosa, única na História, era a solidariedade humana, o auxílio mútuo, a máxima liberdade para todos os indivíduos, o livre entendimento para a associação de esforços úteis e necessários, a cons-

tituição de comunas, unidas, local, regional e nacionalmente, numa palavra, o federalismo económico sucedendo-se, para a continuidade da vida dos povos, ao velho czarismo que ruía, estrondosamente, no meio do pavor, do medo, das lágrimas e do desespero duma classe que, até ali, tinha imperado como senhora absoluta!

Esta, é que foi a ideia que norteou, que acalentou, que fez palpar o sangue das massas que ergueram altivamente o pendão da Revolta. Este, e só este, é que foi o pensamento que iluminou, como o Sol, o cérebro daqueles novos Espártacos, daqueles novos Heróis! No seu íntimo não germinava a ideia nem o pensamento duma autoridade organizada, com o seu exército, com a sua polícia, com os seus espíões, com os seus regedores, com os seus juizes, com os seus tiranetes ridículos, nocivos e perigosos, com os seus ministros que dão ordens como Césares e executam sentenças como Deiblers. Não. A ideia e o pensamento dos revolucionários russos pairavam alto. E como pairavam muito alto, queriam extrair do coração humano toda a Beleza que ele encerra, para que essa Beleza se transformasse na afinidade que há-de unir todos os indivíduos para um fim comum: viver a Vida, rodeados de satisfação, de alegria, de prazer, de arte, de ciência e de filosofia...

Mas, enquanto estes modernos revolucionários pensavam assim; enquanto se embriagavam com os louros duma vitória que tantos esforços tinha levado a conseguir; enquanto arredavam, para longe da sua vista, os destroços, pavorosos e sinistros, que lhes legava uma sociedade decomposta e putrefacta, do lado de cá da barricada, o tigre autoritário preparava o salto. Esse tigre, que não tinha vertido uma gota de sangue; que não tinha arriscado um passo; que não tinha, enfim, contribuído, em nada, para aquele movimento idealístico-revolucionário, conseguiu, mercê

dum messianismo detestável, apossar-se dos frutos da Revolução.

E quando a Alma revolucionária se apercebeu da traição; quando essa Alma viu, com os seus próprios olhos, caírem, no chão, todas as ideias que tinha espalhado, com o mesmo carinho com que um lavrador lança à terra os seus grãos de trigo, ainda quis impor-se. Mas viu erguer-se, na sua frente, o argumento supremo da autoridade: o sabre, a espingarda, a metralhadora, o canhão!...

* * *

Desde esse instante, a Revolução russa, essencialmente económica, essencialmente filosófica, essencialmente moral, tinha sido atraindo. Ao idealismo generoso, sucedeu o materialismo grosseiro; ao livre entendimento dos povos, sucedeu a ditadura de partido, de seita, de classe; ao federalismo comunal ou soviético, seguiu-se um Estado opressor e tirânico; e a uma descentralização; a uma autonomia, sucedeu uma centralização como não há memória e uma disciplina férrea, uma disciplina caserneira.

A Liberdade — o princípio activo de todas as Revoluções — tinha desaparecido pelo alcapão da autoridade. A vontade onnipotente e onisciente dos Neros de pacotilha, principiou a ser a Lei e o grilhão que oprimiam e que esmagavam os últimos ecos dum movimento generoso, belo, sublime... E a Alma revolucionária principiou a vaguear, a esconder-se, como se fôra uma fera carniceira, para fugir à perseguição acintosa e sistemática.

Mas, apesar disso, a autoridade, que a espionava, pôde lançar-lhe várias vezes a mão. E é assim que a lista das vítimas do bolxevismo, é uma lista negra, uma lista trágica...

Na Rússia, os partidários da Liberdade — os anarquistas — não são considerados como homens. Perseguem-se, prendem-se, fusilam-se, e vem dizer-se, depois, na imprensa, que eram

bandidos! Os ditadores, nem sequer teem a coragem dos seus actos.

Como anarquistas, continuamos a admirar e amar a Revolução russa. Mas, o que não podemos admirar, nem aplaudir, é a obra infamíssima dos ditadores russos, — ditadores que são mais nojentos e mais ascorosos do que os ditadores que nos apresenta a História.

Nós encarnamos a Alma dessa Revolução, Revolução tão grandiosa que foi o complemento da Revolução Francesa. Mas repudiamos em absoluto e combatemos energicamente as patifarias, as arbitrariedades, os assassinatos que os ditadores cometem em nome dessa mesma Revolução! A Revolução é a Vida; a Ditadura, é a Morte. E, sendo nós partidários acérrimos da Vida, como é que poderíamos propagandear a Morte?

Nós queremos o Homem livre sobre a Terra Livre; os ditadores, ou comunistas-autoritários, querem o homem encerrado numa prisão: o Estado, despótico e tirânico.

¿Haverá, por isso, afinidade entre nós e eles?

Não, não pode haver. Eles caminham para o reino da Autoridade; nós caminhamos para o reino da Liberdade.

ALFREDO GUERRA.

Ainda... o box

Quando num dos meus anteriores artigos exteriorisava o conteúdo do meu sentir numa crítica sob o ponto de vista social, ao box, longe estava eu de supor que os próprios sobre os quais ia o objectivo da minha crítica, me haviam de corroborar as minhas afirmações.

Comparava eu o box com uma luta de feras disputando a mesma fêmea (subentende-se neste caso que a fêmea é a bolsa), não só pela forma da sua demonstração, como também pelos sentimentos de besta, que são revelados no acto da sua prática pelos seus «aficionados».

Em reforço desta minha afirmação vem o caso de se ter feito um exibicionismo da «Noble arte» numa praça de touros.

Certamente foi para os espectadores ficarem seguros de que não os atingiria nenhum «sôco» fugido do alvo para o qual fora destinado, num movimento de fúria «boxista».

Não posso compreender como

se teime em classificar o box de «noble arte», sobretudo quando esta arte nada tem que a recomende na assimilação das suas manifestações.

Não posso compreender também como se justifique a necessidade da sua prática, alegando-se para isso que faz parte da cultura física e que é uma forma de preparação para a defesa pessoal.

Ora é sob estes dois últimos aspectos que, por hoje, analisarei fugitivamente, sempre sob o ponto de vista social, a tal «noble arte», ou seja o «sôco».

Como cultura física creio-a inadmissível porque esta devendo ser feita tanto material como moralmente, para que no físico dos indivíduos exista um equilíbrio perfeito, é precisamente o desequilíbrio que se dá, porquanto o box, pelo permanente movimento muscular desenvolve o físico enquanto que o moral, a intelectualidade humana, os sentimentos de fraternidade, todo o conjunto de qualidades que origina a mútua afinidade humana, restam no canto obscuro dum cérebro atrofiado dalguem que tem apenas como obsecção constante as regras do «box».

Como preparação para a defesa pessoal, também não julgo admissível porque toda a preparação para o mal dá sempre origem a que esse mal prevaleça.

Quero dizer, se o box é a arte do sôco aplicada à defesa do indivíduo, quem quer que seja com a sua prática, coloca-se, *ipso facto*, no campo da possibilidade do ataque, e como o box é também uma arte de exibição há sempre alguém que queira possuir os louros de continuas vitórias.

.....
Como é revoltante que numa época em que todos os factores sociais que se desenrolam, dão a entender que o amanhã do futuro será qualquer coisa de mais harmonia e paz na humanidade, a juventude, os prováveis homens do porvir se guerreiem por «sport» em continuas lutas individuais, desprezando todas as leis de solidariedade que a natureza nos exemplifica nos outros seres viventes.

ANARKUS.

O padre tem para as mulheres, como homem, paixões e orgãos; como confessor, a importância em Deus. É evidente que há-de utilizar essa impotência para satisfazer essas paixões; e que há-de cobrir essa satisfação natural com as aparências e com os pretextos do serviço divino.

Eça de QUEIRÓS.

Revoltas dum neurasténico

II

SOCIEDADE ACTUAL: ROUBO EM ACÇÃO

— Mas tú, Rodrigo, tens um modo de ver tão especial que, dessa forma, provocas a antipatia dos homens e difficilmente, se não com absoluta impossibilidade, poderás viver satisfeito.

— Bem sei, Aníbal! bem sei! E' o estafado argumento de quantos se sentem alvejados pelas críticas dos que toda a sua vida procuraram conciliar os seus actos com as suas palavras e que, expoliados em toda a linha, não se julgam felizes por se verem acompanhados na desgraça por outros tanto ou mais desgraçados do que eles; antes se revoltam contra a expoliação que vítima a maioria dos homens, contra a organização social que produz destas injustiças e destas infâmias.

— Ora! o mundo não é tão mau como tú o pintas... O que te faz falar, é a tua neurastenia... E' um doente, Rodrigo!

— Também sei isso! Vocês chamam-me neurasténico. Tudo isso, porém, todos esses qualificativos com que vocês me *mimoseiam*, não destroem as verdades amargas que este doente, este *feitio especial*, este *neurasténico* vos atira à cara. Elas queimam, estas verdades! e, não tendo melhores argumentos para as refutar, vocês chamam-me neurasténico... e voltam-me as costas...

— Parece-me, redarguiu Aníbal formalizado, que nunca te desprezei, Rodrigo.

— Não! sem duvida! assentiu este, sorrindo com bondade. Mau grado a diferença de opiniões e os estados de fortuna, tú rico e eu pobre, és meu amigo. Mas tú és um representante da classe expoliadora e eu, uma unidade da incomensurável falange dos expoliados e assim, não é ao amigo que arremesso as minhas apóstrofes, mas à classe que nele vejo.

Ora estava eu dizendo, no princípio da nossa conversa, que a organização social é tão contrária à razão e à natureza, que o homem de bem, verdadeiramente digno deste nome, so mui difficilmente pode manter-se e manter os seus.

Dotado de iguais necessidades às do maior patife, acha-se coacto na satisfação delas. Vê-se privado, roubado de todo o necessário e isto porque tudo na sociedade denota o latrocínio como a única via que leva

ao gôso de todos os bens da terra. Rouba-se o alimento; roubam-se as ferramentas; roubam-se as máquinas; rouba-se a terra; rouba-se o direito; roubam-se os inventos; rouba-se a ciência; rouba-se tudo! E só assim, uma minoria incapaz de produzir, tem a posse de tudo quanto existe e se produz.

— Isso é levar muito longe as tuas conclusões! Roubar! ¿Então eu também roubo?

— Eu responderei, na devida altura, a essa tua pergunta. Entretanto vái vendo estes exemplos e tira, por tua vez, as conclusões...

— Sou todo ouvidos! ou antes, todo olhos visto me. Haveres recomendado que fosse vendo ¿ não é assim?

— Os olhos, pelos quais tens de ver, são os do espírito... Mas vamos ao caso: Um comerciante ajusta os seus empregados por certo número de horas de serviço e exige d'elles excesso de horas sobre as ajustadas sem lhas pagar; fá-los, noutras condições, todo o dia mourejar em benefício d'ele, privando-os do ar, das refeições sossegadas, do alívio do cérebro, do descanso dos olhos, etc., etc., e isto durante meses e anos, uma vida inteira; e, enriquecendo de ano para ano, satisfazendo plenamente as suas necessidades físicas, morais e intellectuais, não repartiu com os seus colaboradores o suficiente ao menos para eles vegetarem. ¿ Como se chama isto?

— Condições do salariato, meu caro! respondeu Aníbal. ¿ De contrário, para que serviria ter um escritório aberto ou um armazem?

— Eu chamo-lhe roubo. Prosigamos: Esse comerciante comprou por certo preço um artigo, a maior parte das vezes de primeira necessidade; vendeu-o por 3, 4, 5, 10, 20 vezes o seu custo; compra na baixa e vende na alta; provoca a sua falta no mercado; sonega-o, destrói-o mesmo em parte para aumentar artificialmente a procura e assim poder elevar o preço de venda.

Se é comissário, alteia os preços dos artigos comprados por conta do cometente, carrega as despesas em que incorrem, inventa mesmo, se é possível, outras despesas — tudo para que a sua comissão lhe venha aumentada, lesando assim o seu

representante, duas vezes: no aumento dos preços e no excesso da comissão. ¿Que nome tem isto?

—Negócio! é dos livros! respondeu Anibal.

—O nome é *roubo*! replicou Rodrigo. Mas continuemos... Hoje que os preços das cousas variam de dia para dia, subindo de cada vez mais, um comerciante que comprou há um ano certo objecto por um escudo vende-o hoje por 20. ¿Que é isto?

—Homem! é negócio ainda! ¿Então tu querias que ele o vendesse por dois escudos, valendo esse objecto 20 para revenda? ¿E como é que ele punha outro no lugar do que vendeu se esse objecto lhe custaria por exemplo 10 escudos?

—Ora essa! exclamou Rodrigo. ¿Então o comerciante vendendo-o por dois escudos, não teve já o lucro de 100%? Se quere continuar a negociar naqueles objectos e o custo deles é hoje, por exemplo, de 10 escudos, empate mais 9 e compre-o para o vender em seguida pelos 20 escudos. Continua assim a ter o seu lucro de 100% e o seu capital aumentado de 11 escudos. ¿Que mais quere ele?

—Ora essa! digo eu também agora, objectou Anibal. Isso não é administração! Por essa forma teria o comerciante de pôr mais capital de cada vez que quizesse sortir-se!

—Apanhei-te, cavaquinho! O que vocês quere é não bulir no capital e por consequência o consumidor que ponha, além do lucro, o que falta para aumentar esse capital a fim de que o *honrado* comerciante não deixe de ter *lucros e lucros de lucros*! Bem dizia o outro: o capital é o roubo! porque isso é verdadeiramente roubar!

—E's infernal! comentou Anibal com um sorriso amarelo.

—Chama-me nomes e deixa. Não contestas nem podes, que o industrial, o financeiro, lêem pelo mesmo breviário, expoliando o pessoal nos seus salários ou nos seus ordenados, exigindo o máximo de produção e esmagando esse pessoal com multas e extorsões de toda a casta a pretexto de disciplina; e expoliando também o consumidor por meio de todas as entrujices possíveis e imagináveis. ¿Que é isto tudo?

—E' a ordem do mundo, meu caro! isto é assim, sempre foi e há-de ser! E está a coberto dos códigos.

—Seja tudo quanto quizeres. Para mim, é ainda o *roubo*. As máquinas, as ferramentas que são *directamente* o produto do

trabalho de quem as inventou e executou ou aperfeiçoou, mas que *indirectamente* são também o resultado do estudo e actividade de gerações anteriores que prepararam a mente do inventor e o meio que o cerca; as máquinas e ferramentas, digo eu, estão na posse de alguns homens que impedem todos os outros de fruírem os benefícios de tais inventos. ¿Porquê?

—Boa pergunta! pois se as compraram...

—Com o dinheiro extorquido aos outros!

—Não! com o dinheiro ganho. observou Anibal energicamente!

—Ganho à face dos códigos e das convenções da vossa classe. No fundo, o que há, é ainda o roubo! replicou Rodrigo com veemência.

E continuou:

—E chegando aos códigos, às leis, àquilo que se diz ser o *direito* de todos os homens, vemos que o individuo probo, lial e honrado, aquele que tomou a sério a letra dos códigos, se acha ainda aí roubado; pois que, convicto que a lei é, conforme lhe fizeram crêr, *igual para todos*, e assim, julgando-se *escudado por ela no seu direito*, não reparou que esse *direito* vai *lesar as regalias da classe* que forjou os códigos para salvação própria; e, nestas circunstâncias, quando menos o espera, lá se abre um alcapão na lei e adeus razão ou justiça do ingenuo pleiteante que, apesar de tudo *vai sempre pagando* até mesmo para os seus juizes *lhe fazerem justiça*! E mais uma vez se nos depara o *roubo*. ¿Que te parece, Anibal?

—Isso às vezes acontece, obtemperou este. Mas em todo o caso as leis garantem a vida das sociedades. Sem elas não sei o que seria. Eu quero crêr mesmo na sinceridade das intenções do legislador...

—O legislador não faz leis senão as que salvaguardam os os interesses da classe dominante. E como esta tem interesses opostos aos da legião dos dominados, segue-se que estes se encontram também roubados no seu direito, na sua justiça... ¿Pois todas as roubalheiras, todas as tratantadas de que te falei há pouco, não são por ventura, protegidas pela letra dos códigos? Vai dizer aos da tua igualha que são verdadeiros roubos os seus actos e ladrões os que os praticam, e esses tais, *mesmo com o código na mão*, te meterão na cadeia. E estás tu a duvidar da má fé do legislador!

Vejamos agora a ciência.

—¿Também ela vos é roubada? inquiriu Anibal surpreso.

—Também! ¿Pois que é se não *roubo* que nos fazem, impedindo que aprendamos a conhecê-la? esforçando-se por que ela não passe do conhecimento dos privilegiados? perseguindo todas as descobertas ou novas teorias que venham aluir o edificio de falsidades em que a sociedade reside e só as aceitando a essas teorias ou descobertas, quando já não podem contrariar a sua expansão na massa do povo? mas então procurando desviar em exclusivo proveito da classe parasitária, que tu representas, os benefícios provenientes de tais descobertas ou teorias? impingindo ao povo, propositadamente mantido na ignorância, que é uma conclusão *científica indiscutível*, regerem-se as sociedades humanas pela lei feroz—a luta pela vida—que governa todo o reino animal e que portanto é *natural* pertencer a vitória ao *mais forte e melhor* (como se eles fossem os melhores e mais fortes) e que por isso mesmo é *fatal* a divisão das sociedades em pobres e ricos, educados e incultos, trabalhadores e parasitas, escravos e senhores? Queres maior e mais infame roubo? maior falsificação da verdade científica? maior ultrage à alma ingenua do povo? E ainda tu chamas às minhas críticas manifestações da minha... *neurastenia*! Queres agora ouvir a minha resposta à tua pergunta de há bocado, *se também tu roubas*?

—Não! não! obrigado! estou sciente! Pela forma como tu encaminhas as tuas ponderações, estou já convencido... de que sou um *grande ladrão*! Adeus! Tenho de ir jogar na Bôlsa... outra ladroeira...

E, a rir, separou-se de Rodrigo...

JOSÉ CARLOS DE SOUSA.

Emílio Chapellier

PORQUE NÃO CREIO ... EM DEUS ...

Ao preço de 1\$00 (1\$000 reis) já se encontra à venda este excelente folheto de propaganda.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, e de mais \$20 para porte do correio, podem ser dirigidos, para o *Apartado 17—Pôrto*.

ANTOLOGIA

Os moderados

Ah! os moderados! Que mau serviço prestam à causa que dizem defender, e como o povo tem razão em desconfiar deles!... Os moderados são indivíduos que não quere ver a situação resultante duma insurreição. Desde que se estabelece a luta armada e que, dum lado e do outro, se apela para a força, é que eles desempenham o papel de conciliadores, quere dizer, pedem a uns e a outros que abandonem as suas pretensões, não querendo occupar-se daquilo que é justo, nem querendo ver aquilo que é possível, antes procurando impor, à viva força, a sua intervenção.

Com a melhor boa vontade deste mundo, fazem um mal enorme aos dois partidos, traindo, honestamente, um após outro. Enervando a força da insurreição, provocam recuos e semeiam o desfalecimento. E' certo que dizem que os insurrectos tem razão: mas perdem-nos. Fazendo o jogo do poder, quebram o laço insurreccional; e, pedindo ao governo que não exerça a mínima reacção, tornam-na inevitável.

A moderação, que consiste em colocar-se entre os dois partidos em attitude belicosa, deixando fazer tudo sem aprovar nada, é, em realidade, a attitude mais nociva que pode assumir-se, mesmo para aqueles que julgám encontrar nela uma segurança absoluta. A moderação não deve exercer-se ao lado ou fora do movimento. Quando os moderados recusam associar-se à revolta, não se solidarizando com ela, gritam, no entanto, com toda a força os seus conselhos. Mas o povo deve responder-lhes assim:

—Vós dizeis que temos razão. Pois bem: provai-nos isso, vindo para o meio de nós. No nosso meio, escutar-vos-hemos.

Efectivamente: é no meio do movimento que os moderados devem tomar lugar para orientar as massas, levando-as a bom fim. Assim, o povo terá confiança neles, porque, dessa forma, não terão medo de se comprometer.

Não procedendo assim, as suas tentativas de conciliação restarão inúteis; e, o que é pior, tornar-se hão simultaneamente odiosos ao povo, que defendem em teoria mas que abandonam de facto—e ao poder, que servem na prática mas que combatem na teoria...

YVES GUYOT.

LITERATURA

AS CARTAS...

*As cartas são papeis!... Assim afirma o povo,
Na sua ingenuidade infantil, de criança!
As cartas são papeis!... E' feliz a lembrança,
Papeis que podem ser de velhice ou renovo:*

*Há cartas virginais, tam frágeis como um ovo:
Há cartas de altivez, que ferem como lança!
Há cartas de perfume:— os fulvos duma esperança,
— Que fazem refulgir, em nós, um sangue novo!*

*Há cartas distilando infâmia e maldição.
Há cartas de alegria, há cartas de paixão:
Imógem do carinho, altar do sonhador...*

*Há cartas de volúpia, ardentes, rutilantes...
Há cartas imitando a alvura dos brilhantes:
São as cartas febris... são as cartas de amor...*

A. ALVES PEREIRA.

△ △ △

...Eu, soldado!

Na nossa constituição há um artigo que diz o seguinte: «De acôrdo com as disposições da lei, todo o indivíduo é obrigado a sentar praça aos 20 anos de idade.»

Eu, que sabia isto de côr não me lembrei que se aproximava a minha hora. E, um dia, fui dolorosamente surpreendido com uma intimação para me apresentar a uma inspecção médica. Fui; e, volvidos uns meses, mandaram-me apresentar no quartel, afim de ser incorporado no regimento de...

Confesso: cumpri a ordem, bem contra a minha vontade. Mas não tinha outro remédio!

E mais valia que não o tivesse feito. Acostumado à minha vida desordenada de boêmio, aquele ambiente da caserna, metódico e disciplinado, produziu-me um efeito detestável; e, durante os primeiros dias, julguei que ia adoecer.

Felizmente que, aquela vida, devia durar pouco. Graças à influência dum parente, fui transferido, ao fim de quinze dias, para a secretaria do quartel.

Ali, a vida, era outra. Tinha horário certo. Comia e dormia no hotel. Não comparecia aos exercícios, e tinha por superior apenas um tenente ajudante que—coisa rara—era todo bondade e coração.

Depois, os oficiais que iam lá, era apenas para me perguntar o dia em que haviam de receber o sôlido, ou qualquer outra coisa que os interessava; tratavam-me com uma certa delicadeza; e, em vez daquele olhar, rude como a culatra duma espingarda, mostravam-me um sorriso estúpido, falso como as suas próprias vidas.

Creio que lhes sorria da mesma maneira.

Sucedeu, porém, que, naquela época, um amigo meu, um bom escritor—Alfredo Dorghen—me pediu um artigo para a sua revista, revista que tinha este título: *Bergen*. Escrevi um conto militar. Mas, por minha desgraça, aquilo em vez de ser um conto, era uma forte diatribe contra os abusos e contra as injustiças que se cometem com o ser humano, visto que um soldado não é um cidadão. A falar a verdade, o que escrevi era um panflêto antimilitarista.

Oh! quanta pena tive em não escrever aquilo dois meses antes! Eu explico porquê:

Uma tarde, ao regressar ao quartel, fui chamado pelo sargento da guarda, que, sem me dar explicações de espécie alguma, me levou à presença do oficial de dia—um tenente, baixo estúpido como uma carabina.

—Olha lá—tú é que és o recruta Humsun?

—Sou, meu tenente—respondi-lhe.

—Tenho aqui uma ordem do nosso comandante para te mandar para o calabouço.

—A mim?—preguntei assustado—Porquê, meu tenente?

—Dir-to-hão depois—atallhou.

—Mas... ia eu a protestar.

—Não repontes... não repontes, recruta. E ordenou ao sargento que me levasse para o calabouço...

O calabouço era uma espécie de cela rectangular, de três metros de comprimento por dois de largo, sem janelas e tendo apenas uma porta. As paredes, o teto, o pavimento, e até a própria atmosfera, eram de pedra. O único móvel que havia era um banco, todo desengonçado, com uma perna mais curta do que as outras, razão porque era preciso por-lhe, por baixo, um calço de madeira. Confesso que não me agradou nada, aquela habitação. Havia ali uma certa tristeza que oprimia a alma, mortificando-a com sinistros pensamentos.

Quando me vi só, comecei a examinar o calabouço. Súbito, reparei que numa das táboas da porta havia uma inscrição feita a canivete. Aproximei-me e li:

«Osvaldo Hemtrand, da classe de 1879, condenado a dez anos, no corpo disciplinar, por se ter insubordinado contra um cabo que lhe quiz bater...»

Fantasei Hemtrand como um rapaz alto, direito, bom, único amparo de seus velhos pais, cheios de achaques...

Sentando-me, depois, no banco, que, com o meu pêso, chiou como um rato apanhado por um gato, puz-me a pensar nos motivos da minha prisão.

A não ser uns versos que escrevi na página dum livro do *racionamento*, não me recordava de mais nada.

—Não—repliquei—deve ser uma coisa mais grave o que deu margem a este castigo.

Mas, fiquei na mesma. A minha memória não soube dar-me razões. E tive de recriminar duramente a sua falta de lembrança.

Havia meia hora que estava sentado naquele banco. A minha memória continuava a dialogar comigo, quando uma voz se intrometeu na nossa conversa, fazendo-me estremecer.

Muito sobressaltado, voltei rapidamente a cabeça para traz e vi o sargento que, com uma voz sêca, me ordenou que o seguisse.

Dois dos meus companheiros, de baioneta calada, caminhavam atrás de mim. Escoltado desta forma, chegámos ao gabinete do comandante. Devo dizer que não ia muito tran-

qüilo. Torturava-me a idea de que poderia, sem saber, ter cometido algum delito. Depois, sentia o ferro gelado das bocas das espingardas muito próximo das minhas costas e da minha cabeça, como se andassem à procura dos meus pulmões e das minhas ideas.

Bem depressa ficamos na posição de sentido, como se fossemos estátuas de carne humana. Estavamos em presença do comandante...

O comandante era um homem alto, musculoso; o seu rosto dava a impressão dum indivíduo consumido pela febre de matar... Os olhos, eram os olhos dum homem desumano e brutal. As medalhas que lhe ornamentavam o peito representavam grandes manchas de sangue humano... Tinha os braços apoiados na sua secretária; e as mão dêle afiguravam-se duas séries de balas esquecidas ali... Ao vêr-me, olhou-me de cima abaixo; e, com uma voz que tinha o eco dum canhão, gritou-me:

—Com que então, és tú o escritor?... Li o artigo que publicaste na revista, *Bergen*, e devo dizer-te que o achei magnífico. Sôbre o mesmo assunto tenho lido uma infinidade de coisas, escritas pelos teus colegas, os poetas; mas nenhum me agradou tanto como o teu. De modo que resolvi mandarte chamar para te dar as minhas felicitações. Tanto eu, como os meus subalternos, nos sentimos orgulhosos por ter no regimento um soldado como tú, um soldado que reúne condições excepcionais de inteligência...

Quis agradecer os elogios. Mas, naquele momento, as duas fileiras de dentes do comandante chocaram uma na outra, produzindo um som metálico que me fez estremecer de medo. E, sorridente, satisfeito, abrindo as suas narinas como se aspirasse o cheiro da pólvora, prosseguiu:

—Tenho pena que tú publicasses as tuas opiniões durante a tua sujeição às armas... No código militar há um artigo que pune severamente semelhantes ideas; e, devido a isso, sou obrigado a mandar levantar-te um auto. Não te aflijas, porém; farei com que a tua permanência no Trondhyen seja o mais curta possível.

O comandante voltou a examinar, silenciosa e escrupulosamente, todo o meu corpo; e, quando viu bem que eu era um pouco raquítico e que os meus braços não eram suficientemente musculosos para derrubar árvores como as que há nessa

localidade, fez um gesto de desgosto, mas não disse nada. Depois, disse ao sargento:

—Leve o preso...

De novo no calabouço, puz-me a pensar. Quam comprida me pareceu a cela!

—Trondhyen! — murmurei — o corpo disciplinar! Estão todos loucos — repeti — pensando no que me disse o comandante.

Recordei-me, então, da minha casa, dos meus pais, dos meus irmãos e, sobretudo, da minha mãe... Quando soubesse da minha prisão, começaria a chorar. E meu pai, igualmente. Quando passeasse pela sala de jantar, como era seu costume, diria sentenciosamente:

—Ora aí tens! sim, aí tens o resultado de escrever tolices.

Desesperado, nervoso, por estas recordações, sentei-me no banco. E, pensativo, elevei os olhos entristecidos para o teto de pedra ennegrecida que gravitava como uma lápide sobre a minha cabeça.

—Eh! leva arriba! — ouvi.

A minha beira estava o cabo da guarda que me sacudia os ombros, enquanto uma fachina me estendia um prato de sopa de bacalhau e duas bolachas. As bolachas eram duras como a sola das minhas botas; e a sopa cheirava a aziúme.

—Não como... não tenho vontade — respondi. Prefiro fruta. ¿Permite-me que o soldado m'a vá buscar?

O cabo disse que sim com a cabeça, e saiu.

Quando a fachina voltou, aproveitei a oportunidade e disse-lhe:

—Faz-me um favor? Quando sair algum soldado do quartel, peça-lhe, em meu nome, para ir a minha casa avisar a minha família de que estou preso. Não se esqueça?

O soldado garantiu-me que não se esquecia.

De novo se fechou a porta; correram os ferrolhos e fiquei só.

Passados dez minutos, após a minha refeição, o cabo abriu a porta, parou no ombrel e disse-me sêcamente:

—Pode ir à sentina, se quiser, acompanhado destas duas praças. Não se demore mais do que cinco minutos... Já sabem que é proibido falar com os presos.

E a noite estava esplêndida! Noite calma, fresca e serêna: um pouco escura, mas formosa. O céu semeado de estrelas que bruxoleavam alégremente...

E foi nesse instante, sob um céu esplendidamente formoso, que a ideia do não ser chegou pela primeira vez ao meu coração. Agora encontrava no meu calabouço alguma coisa de hu-

milhante, de ruim, de mesquinho.

Apertei os lábios com ira e olhei para os soldados que me custodiavam. Vinham distantes de mim uns três passos, com as mauser ao ombro, nas quais, as baionetas scintilando nas trevas, se me antolhavam dois dedos fantásticos arranhando a eternidade...

Parei de súbito. Mas, ao ouvir a voz dum deles, que me disse: —Caminha, vamos! se nós vêem, castigam-nos — prossegui lentamente o meu caminho.

E ao deixar o campo — no meio do qual se erguiam as sentinas — para penetrar no quartel, vi, ao longe, brilhar uma fugidia luzinha de gás. Bruxoleava, nervosa, e parecia querer fugir do foco que a prendia...

...

Não vale a pena continuar. Estas narrações tornam-se monótonas, quando saem da bendita pompa da realidade.

Sim, é melhor que terminemos por aqui.

Não devemos fazer perder tempo aos leitores com novas divagações, porque, graças aos esforços do meu parente, fui posto em liberdade no dia seguinte, com baixa por incapacidade física. Na caderneta mencionaram que eu padecia duma enfermidade mental e nervosa. Podiam dizer, por exemplo, que eu tinha uma cólica crônica, já que, verdadeiramente, é esta a doença de que me queixo, desde o dia em que comunguei pela primeira vez. Mas, essa doença ou outra qualquer, pouco importa. O essencial é que fui posto em liberdade; e, com isso, fica dito tudo...

KNUT HAMSON.

PREVENÇÃO

O Secretariado da A. I. T., previne todos os camaradas e todas as organizações revolucionárias, sindicalistas, anarquistas, etc., de que quatro doutores húngaros, portadores de recomendações falsas, andam em viagem, de país para país, à custa dos camaradas de boa-fé. Esses vivedores, contam, já, no seu activo vários roubos que fizeram a diferentes camaradas.

Os nomes destes quatro escrocs, são:

FRANZ MAYER, BELA MEREY, ALADAR SZANTO e LADISLAS SOS.

(Pede-se a reprodução em toda a imprensa operária).

O PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO

DE

Ricardo Wagner

III

Dum artigo escrito por Wagner, pouco depois da fundação europeia de 1848, reproduz, Luís Morote, os seguintes parágrafos:

«A lei dos mortos não é a nossa lei. A vida tem a sua lei própria. E desde o momento em que a lei é para os vivos e não para os mortos, e que vós, trabalhadores, sois homens cheios de vida, não há ninguém que esteja por cima de vós: a vossa própria livre vontade é a única lei suprema; e o deus novo, que é de justiça e de acracia, destruirá o domínio da morte sobre a vida. Assim, será destruída a ilusão que faz da humanidade uma escrava da sua própria obra — a propriedade. O maior bem da humanidade, é o seu poder produtivo: essa é que é a fonte eterna de toda a felicidade e não o que já se produziu...

O que a natureza criou, o que os homens criaram e transformaram, pertence à humanidade, aos pobres, e ninguém tem o direito de dizer: — Tudo isto me pertence! Vós, os que sois de-mais, sois apenas convidados que eu suportarei enquanto me produzirdes alguma coisa de aproveitável, e que eu posso despedir, votar ao ostracismo, quando entender. O que deu a natureza, o que o homem produz, o que o ser vivo necessita, é meu.»

O artigo conclui — ajunta Luís Morote — por uma sublime invocação em que surge, transformada, radiante de formosura como uma walkíria, a deusa Revolução, clamando o seu triunfo:

«Eu sou a Revolução, eu sou a força eternamente criadora, eu sou o único deus acatado por todos os homens, o único poder criador que tudo abarca, que tudo vivifica, que tudo galardoia.»

Estas palavras do genial artista-filósofo não constituem senão uma corroboração daquelas outras citadas por Siegfried, segundo as quais, a alma profundamente humana de Ricardo Wagner entrevê nos tempos novos, no estado futuro da humanidade, «os homens tais quais serão, livres da última superstição — a negação da natureza.»

Eis a fonte mesma da arte grandiosa de Ricardo Wagner. «Só a natureza — escreve na *Arte e a Revolução* — pode decifrar-nos o grande destino do mundo: na medida em que eu estou contida em vós, — diz a natureza aos homens — vivereis e florescereis; e, na medida em

que não estou em vós, consumir-vos heis e pereceis.»

E é precisamente este sentido da arte o que nos torna a natureza mais sensível. Não se trata — afirma Siegfried — desta arte moderna que dispensa as riquezas, «e cuja florescência é a podridão das coisas e das relações humanas vazias, sem alma e contra a natureza; não se trata desta arte infecta «que, não desdenhando o óbulo do pobre, se introduz nas próprias entranhas do proletariado como inervadora, imoral e desumana, espargindo em todas as direcções o veneno das suas veias; trata-se, sim, mas é da arte independente, livre de todo o convencionalismo, «da beleza em acção», de que nos fala Ricardo Wagner; da estética racional que proclama Raimundo Duncan; da «verdadeira arte, que não pode existir senão no meio da liberdade, que não tolera poder nem autoridade seja de que espécie for, numa palavra, nenhuma força antiartística, antissocial.» Trata-se da arte puramente humana, da arte que «pode dar à corrente das paixões sociais — que brota facilmente dos arréfcios selvagens como dos *bas-fonds* populares — um fim belo e elevado, um fim nobilitante de humanidade» (*A Arte e a Revolução*).

¿E não é esta arte — clama Siegfried — uma parte solidária do ideal anarquista? ¿A sua essência, a sua modalidade constitutiva, a sua parte integrante não se fundam no anarquismo?

¿Porque — ajunta — se a arte é o termo lógico, o fim supremo do ideal anarquista, não poderá ser também, e reciprocamente, um elemento preponderante que nos impulse para este mesmo ideal?

Por outras palavras: porque é que a arte não há-de ser um elemento de acção anarquista, se é a última finalidade do anarquismo?

Edificado nos limites mediatos da política, Ricardo Wagner via na arte — sem excluir, por isso, a acção revolucionária — um factor essencial e imediato de emancipação social. Para ele, a arte era o desenvolvimento estético do indivíduo, o desenvolvimento artístico da comunidade, a mais poderosa alavanca revolucionária, que produziriam, simultaneamente, o avanço do ideal anarquista. E nem outra coisa se pode deduzir das palavras dele.

¿Como desatender-se o elemento passional, artístico e humano, que nos conduz, pelos caminhos da beleza, à realização dos mais altos ideais?

Um apêlo dos anarquistas búlgaros

Caros Camaradas:

Os crimes do bando governamental na Bulgária, continuam. O governo de Stambolisky, prossegue abertamente na política de extermínio dos anarquistas, apesar da declaração do primeiro ministro búlgaro «que não tem a intenção de declarar guerra aos libertários».

Nessa declaração pública, Stambolisky, com o cinismo que lhe é próprio, diz que o governo não persegue as ideias anarquistas. Mas, é depois disso então que a polícia assalta e proíbe as nossas reuniões; que o ministro do Interior pede, por telegramas em cifra, a destruição dos grupos anarquistas; que se fecham os clubes libertários, e se prendem e assassinam os militantes mais dedicados ao anarquismo.

O sangue dos mártires de Iambol, Nova Zagora e Sofia não está ainda seco; e nós estamos em frente de novos cadáveres.

A 24 de Abril na estrada entre Iambol e Sliven, os camaradas Nicolai Dragneff e os dois irmãos Ilia e Panaiot Kratonoff foram assassinados pelos soldados que os acompanhavam. Os nossos camaradas foram mortos cobarde e ferozmente.

O jesuitismo e o cinismo são inseparáveis. Os carrascos teem o cuidado de justificar os seus crimes: e, com efeito, eles inventam ensaios de evasão, organizando agressões, quando dizem que libertam os presos.

Assim acontecem com os camaradas acima citados, e assim acontece com tantos outros.

A mesma história se passou a 50 quilômetros de Iambol. Na estrada entre Kotel e Sliven, a escolta assassinou três outros camaradas: Christo Tineff, Nicolau Gantcheff e Denué Dimitroff.

Cinco dias antes, nos quartéis de Iambol, os assassinos agalados fizeram correr o sangue de outro camarada, Georges Domonstchieff, irmão mais novo de Angel Domonstchieff, que se suicidou em Sofia.

E ainda a nossa lista de mártires está longe de ser completa. Dia a dia assistimos a assombrosos horrores. As infâmias do governo búlgaro ultrapassam as dos carrascos espanhóis.

Matam-se homens, simplesmente porque são anarquistas. Nenhuma acusação concreta justifica esses assassinatos terríveis. E diante destes feitos

sangrentos na bárbara Bulgária, toda a sociedade está tranqüila e apática.

Mais ainda: a imprensa burguesa pede ao governo que suprima os jornais anarquistas.

Qual a atitude das massas operárias? O proletariado búlgaro está ainda num estado deplorável de passividade.

Sob as bandeiras dos partidos, ele não cuida dos seus próprios interesses, nem se apercebe da ameaça do fascismo búlgaro que se levanta.

A sorte dos seus irmãos assassinados não os perturba.

Mas, apesar desta fraqueza revolucionária; apesar dos horrores e dos crimes da autoridade; apesar das nossas queridas vítimas, nós continuaremos a lutar, nós defenderemos, resolutamente a nossa posição com a convicção firme no valor do nosso ideal anarquista.

O nosso grito de combate, hoje como sempre, é:

¡ Viva a Anarquia !

¡ Viva a Revolução Social !

Sofia, 25 de Maio de 1923.

G. C.

(Pede-se a publicação em toda a imprensa anarquista).

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», este interessante folheto de Chueca, edição do grupo «Humanidade Livre».

Preço \$20; pelo correio \$30.

“Páginas Libres,”

(REVISTA LIBERTÁRIA QUINZENAL)

O grupo editor desta Revista, pede a todas as agrupações anarquistas e camaradas de Portugal, e a todos aqueles a quem enviou os primeiros números de *Páginas Libres*, que escrevam, comunicando qual a quantidade de exemplares que querem, e se pretendem ser assinantes e por que tempo, para que facilmente regulem a tiragem.

Igualmente pede colaboração e relatos do movimento anarquista em Portugal, oferecendo gratuitamente um exemplar de cada número da Revista a todos aqueles que o possam fazer.

As liquidações devem ser breves, pois a vida desta Revista depende da prosperidade da sua situação económica, que neste momento não é satisfatória.

Toda a correspondência para: António Pareja, Calle Clavelina, 6—Sevilla—Espanha.

Os bolchevistas e a Revolução Russa

II

A paz de Brest Litowsk

O preço da paz de Brest Litowsk foi a traição da Letónia, da Finlândia, da Ucrânia e da Belorússia.

Os camponeses da Ucrânia e da Rússia Branca souberam repelir o invasor alemão, mas não esqueceram nunca, nem perdoaram a traição dos bolchevistas; e a prova está na permanência na Ucrânia dum milhão de soldados «para reprimirem o banditismo».

A ratificação do tratado de Brest Litowsk—que Trotski se recusou a assinar, e que o próprio Radek, então prisioneiro na Alemanha, definiu como a bancarrota da revolução, enquanto Joffe a assinava «de olhos fechados»—foi o sinal da longa resistência, feita às claras ou clandestinamente, dos camponeses da Ucrânia contra o estado bolchevista. Os camponeses afastaram-se então dos operários manifestando o seu antagonismo com os autores daquela paz desejada por Lénine com o fim de obter umas tréguas para o bem da revolução.

Foi um dos múltiplos erros do ditador, e o mais pernicioso de todos, pois que foi depois dele, que se iniciou o estrangulamento da revolução.

Os camponeses e as requisições forçadas

O método das requisições forçadas («razviorstka») seguiu-se imediatamente à conclusão da paz de Brest-Litowsk. Os bolchevistas justificaram esta medida autoritária com a recusa dos camponeses em fornecerem víveres para as cidades. Isto é verdadeiro somente em parte. Os camponeses reclamavam, na realidade, o direito de poderem tratar directamente com os operários dos grandes centros, mas isto foi-lhes recusado. Muito contribuiu para o descontentamento dos camponeses a insuficiência do regime bolchevista e a corrupção do sistema burocrático. Os artigos manufacturados prometidos em troca dos produtos agrícolas raramente chegavam ao seu destino, e quando chegavam, acontecia serem muitas vezes mercadorias rejeitadas, escassas ou mesmo defeituosas.

Em Karkof tive ocasião de verificar os inconvenientes do sistema burocrático centralizado. No depósito duma oficina

jaziam amontoadas uma grande quantidade de máquinas agrícolas, encomendadas por Moscovia «sob pena de severos castigos no caso de sabotagem», para que estivessem prontas «no prazo de duas semanas». As máquinas estavam já prontas havia mais de seis meses, sem que as autoridades centrais tivessem encontrado maneira de as mandar aos camponeses, que as reclamavam insistentemente, tendo delas uma necessidade urgente. Era um dos exemplos mais típicos de como agia—ou melhor não agia—o sistema moscovita.

Dado este estado de coisas não é para admirar que os camponeses tivessem perdido toda a fé na capacidade organizadora do Estado bolchevista, o qual, então, em vista da ineficácia das promessas, recorreu ao sistema das requisições forçadas. Ora não havia um meio mais próprio para suscitar o antagonismo e a hostilidade dos camponeses, pois que com este sistema se instaurava o terror entre a população agrária. Somente o futuro poderá permitir que se reconstituam com exactidão as terríveis consequências desta medida iníqua, com o seu sacrifício imenso de vidas humanas e incalculáveis devastações.

Se bem que isto possa parecer inverosímil, é um facto bem conhecido na Rússia, que foi este sistema uma das causas da actual miséria, principalmente na região do Volga; porque confiscavam frequentemente aos camponeses, além das últimas reservas de trigo, os próprios grãos que eles guardavam para as sementeiras do ano seguinte.

A recusa e a resistência de certas aldeias às reclamações dos encarregados das requisições eram seguidas de expedições armadas, que as atacavam, e que as destruíam, muitas vezes, completamente. Debalde protestavam os camponeses junto das autoridades locais e de Moscovia—ninguém os escutava.

A este propósito conta-se uma anedota, que demonstra bem em que conceito tinham os camponeses o método das requisições violentas dos bolchevistas. Uma delegação de camponeses foi recebida em audiência por Lénine. «Então, «dedushka»!—disse o ditador, dirigindo-se ao mais velho dos camponeses—devereis estar satisfeitos agora que tendes a terra, o gado, a «criação», tudo em suma!»—«Sim, graças a Deus—responde o camponês—sim, paisinho, a

dividuais e sociais, que derivam da satisfação daqueles sentimentos, têm produzido, e vão produzindo ideias de «justiça», de «direito» e de «moral», que por entre mil contradições, hipocrisias, mentiras interessadas constroem uma meta, um ideal paraito qual a humanidade caminha.

Esta moral é mutável e relativa; varia de época para época, de povo para povo, de classe para classe, de indivíduo para indivíduo, e é adoptada por cada um segundo os próprios interesses e os da sua família, da sua classe e do seu país. Mas, excluindo tudo o que na «moral» oficial serve para defender os privilégios e a violência dos dominadores, encontra-se sempre um resíduo, que corresponde aos interesses gerais, e é conquista comum de toda a humanidade sem distinção de classe ou de raça.

(Continua).

Se és amigo de A COMUNA arranja-lhe um novo assinante.

A infâmia do Rivera

A hora do nosso jornal entrar na máquina ainda se encontram a ferros nas prisões do país vizinho, os nossos camaradas Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos.

As autoridades encarregadas de interrogar os detidos e organizar o respectivo processo, não encontraram nada que compromettesse os nossos dois camaradas. Apesar disso, conservam-nos presos, certamente para satisfazer um capricho do ditador-mór de todas as Espanhas.

Pois é preciso que esta situação intolerável acabe duma vez para sempre. Se os altos poderes estão mudos em face de tamanha arbitrariedade, torna-se necessário e urgente que o proletariado se imponha, para arrancar do cativeiro os seus companheiros de luta e de sofrimentos.

E assim, cumprirá com o seu dever — aquele dever sagrado de prestar auxílio a quem carece dele.

Publicações

No dia 1.º de Janeiro, principiou a publicar-se em Roma a importante revista quinzenal de estudos sociais e cultura geral, *Pensamento e Vontade*. Assumiu a sua direcção, o eminente revolucionário, internacionalmente conhecido, Errico Malatesta.

Ele, ao assumir o encargo daquela publicação, exprime os seus «sentimentos de gratidão aos camaradas e aos amigos pelo afecto que lhe prodigalizam». Uma coisa só recela: o não poder corresponder dignamente à missão espinhosa de que o incumbiram. Todavia, nesta hora de confusões, fará «tudo aquilo que puder».

O *Pensamento e Vontade*, no seu artigo de apresentação, tem esta divisa: *Anarquistas, ficaremos anarquistas apesar de tudo e apesar de todos*.

Promete estudar quais foram os erros dos anarquistas, quais as suas insuficiências e qual o grau da sua responsabilidade nos insucessos — para encontrar uma melhor preparação a fim de se «agir com melhores resultados quando as novas circuns-

tâncias reclamarem a acção prática».

Os anarquistas acreditaram na espontaneidade das massas, na «ordem natural» e em outros mitos criados pelo desejo e também pela preguiça intelectual... e a «natura» ficou surda e cega como sempre: as massas vaguearam de um para outro lado seguindo os impulsos recebidos: ora para a illusão de um fácil paraito, ora para a esperança de uma qualquer mesquinha vantagem material...

«Saber o que se quer, medir o que se pode e, em lugar de nos perdermos em sonhos, preparar um programa prático e applicá-lo, par-a-par, às questões que diariamente se apresentam... eis o que é preciso...»

«Corações ao alto».

«Os tempos estão tristes. As palavras que algum dos nossos colaboradores escrevem neste primeiro número inspiram um certo pessimismo. Mas não importa. Quando o pessimismo é a consciência nítida das dificuldades e não uma vil adaptação, serve melhor para retemperar os ânimos para a luta».

A Revista Blanca — Cor-

8

PARA A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO RUSSA

poder todas as classes laboriosas da Rússia — os trabalhadores revolucionários da Ucrânia responderam com a insurreição. Em nome dos grandes fins da revolução — liberdade e igualdade — entraram eles consecutivamente em luta com todos aqueles que conspiravam para despojar os trabalhadores dos seus bens. Este combate de operários e camponeses da Ucrânia pela liberdade durou muitos anos, formando a época heróica conhecida pelo nome de *maknovstchina*.

As bases da Maknovstchina

Os trabalhadores e os aldeões da Ucrânia consideravam duma maneira hostil todos os poderes, que se sucediam desde o começo da revolução. Desde o princípio puseram-se em opposição revolucionária para com o chamado «governo revolucionário provisório». Foi com o mesmo espirito de opposição revolucionária que eles consideraram o governo de Petlura e o dos «comunistas», que se seguiu um ao outro, sem tréguas e sem delimitação fixa de baixo do ponto de vista territorial. Para as camadas revolucionárias dos camponeses pobres e para os operários, esses poderes representavam não somente um fardo inútil, mas sobretudo um verdadeiro obstáculo que os impedia conscientemente de executarem a obra da revolução social em marcha.

Os operários e os camponeses da Ucrânia, assim como os trabalhadores da Rússia inteira, tomavam parte na revolução com o fim de realizarem o advento duma nova vida livre, entendendo com justiça que a libertação dos trabalhadores devia ser obra deles próprios. O seu fim imediato era de aniquillar o sistema existente de servidão económica, e de erigir sobre o terreno des-

PARA A HISTÓRIA DA : REVOLUÇÃO RUSSA :

A Maknovstchina

(Bibóço sucinto do movimento maknovista)

PREAMBULO

A história do movimento maknovista é, no fundo, a história da grande luta dos trabalhadores da Ucrânia com os numerosos poderes que procuraram impôr a sua ditadura ao povo em revolução; é a história da luta empreendida em nome da igualdade verdadeira e da liberdade completa dos trabalhadores. Esta luta foi sustentada durante muitos anos por milhões de operários e de camponeses numa vasta superfície. Para se dar uma narração exacta, para a representar tal qual ela foi na realidade, e para esclarecer a sua ideologia era preciso publicar mais dum livro.

Uma certa parte desta obra foi já realizada, pelo menos, tanto quanto as circunstâncias o permitiam; um volume contendo a história do começo e do desenvolvimento do movimento maknovista appareceu já em russo. Está em vias de ser traduzido noutras linguas. As tendências e as aspirações deste movimento são aí descritas; as etapas do calvário que elle teve de subir no caminho da revolução social são aí cuidadosamente narradas.

Este livro vai apparecer daqui a pouco em francez;

respondente a 15 de Janeiro, recebemos o n.º 16 desta excelente revista de orientação social, a qual se publica quizenalmente em Sard. ñ la. (Barcelona), San Martin, 3. Não desmerecendo dos anteriores, o seu sumário é o seguinte:

A ética: origem e desenvolvimento da moral (continuação), por Pedro Krápókin; *Os problemas da post-revolução* (3º), L. F.; *A derrota da reacção*, Federica Moteseny; *Quem somos*, S. bastien Faure (trad. de Ernesto Dubois); *As vidas agitados: Anacarsis Gloomz*, J. de F.; *A arte literária francesa*, Jacques Descluze; *Crónica científica*, Artur Douglas Smith; *As agitações do espírito francês*, Alberto Delaville; *Curiosidades históricas e científicas*, El Bachiller de S. lamanc; *Factores originais externos* (IV), H. S.; *O triunfo da Velhice*, Frederico Urales; *Rodando pelo mundo*, Hipatia; *Noticias editoriais*, *O último Quichote*, novela (continuação); *Actualidade sindicalista*, Germinal Egleas; *Comentários*; *Notas Administrativas*.

COMO NAO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correto \$30.

Aos nossos assinantes

Levamos ao conhecimento dos nossos estimáveis assinantes de que, na próxima semana, vamos enviar para o correio, a cobrança, os recibos das suas assinaturas correspondentes à quinta série de *A Comuna*. E como a devolução dos recibos nos acarreta uma grande despesa e nos obriga a um novo trabalho, que pode ser desnecessário desde que todos cumpram com o seu dever, pedimos, por este meio, a todos os assinantes de *A Comuna* para que nos evitem uma e outra coisa, pagando o respectivo recibo logo que êle lhe seja apresentado pelo empregado dos correios.

Agradecendo a todos os indivíduos o pedido que lhes fazemos, esperamos que as nossas palavras constituam um incentivo à sua boa vontade no sentido de auxiliarem a propagação dos princípios e das doutrinas comunistas-anarquistas.

A ADMINISTRAÇÃO.

NÚCLEO DA JUVENTUDE SINDICALISTA DO PORTO

Tomou posse, na última segunda-feira a nova comissão executiva, tratando de assuntos que visam a levantar a organização juvenil e resolvendo reunir as comissões executivas de todas as secções para estudar os meios a pôr em prática afim de que elas tenham aquela vida que é necessário ter. Discutiu-se também o próximo congresso das juventudes, sendo resolvido realizar uma Velada Social para custear todas as despesas; e já se iniciaram os trabalhos para este fim.

Resolveu-se também desenvolver a Biblioteca, comprando obras sindicalistas, e facultar a sua leitura a todos os jovens; e officiar à Federação, para enviar o expediente relativo ao ano corrente, afim de remodelar a cobrança.

Toda a correspondência deve ser dirigida a *Fernando Barros* — Rua do Bomjardim n.º 377.

A favor de "A Comuna"

Do camarada A. de Lima, recebemos os seguintes livros, cujo produto de venda reverte a favor da subscrição voluntária de *A Comuna*.

Em espanhol:
La Conquista del Pan, de Pedro Krápótkine.

La Genealogia de la Moral e El Anticristo, de Frederico Nietzsche.

Em Português:
Da Porta da Europa, de Neno Vasco.

Moral e Critica, de Almáchio Diniz.

Sindicalismo e Greve Geral, de José Prat e Aristides Bland.

A retribuição dos operários, de Roberto Alves de Sousa Ferreira.

Os camaradas que os desejarem, podem enviar as suas propostas para a redacção de *A Comuna*.

TRABALHADORES! Lêde:

Doze Provas da Inexistência de Deus

por Sebastião Faure

Preço, \$50.

A' venda nesta Redacção

e nós esperamos que os trabalhadores revolucionários de todos os países o obterão, e poderão assim ter documentos sobre a essência do movimento maknovista e do seu papel na revolução russa.

O artigo abaixo não dá senão uma ideia sucinta da Maknovetchina: êle esboça por assim dizer o seu esqueleto. O seu fim é definir os traços essenciais do movimento maknovista, e de submeter ao leitor algumas noções que lhe possam inspirar o desejo de ter mais amplos conhecimentos do assunto.

O sentido da revolução russa

A revolução russa foi grande e forte, porque as suas forças activas e móveis residiam no povo laborioso: os trabalhadores das cidades e das aldeias, da forja e da charrua.

O povo laborioso não pode morrer, nem pode morrer jamais a sua ideia fundamental da revolução: a ideia da vida livre e igualitária.

Desde os séculos mais remotos, de geração em geração, esta ideia transmitiu-se nas camadas vivas do povo, despertando nele o espírito de revolta, de insurreição contra uma vida insuportavelmente servil. As vastas insurreições dos aldeãos russos guiados por Stefane Razine e Pougatchof, e outros ainda, testemunham a presença e a persistência da ideia revolucionária nas massas populares.

Estas insurreições foram reprimidas pelos poderes existentes, cruelmente e sem misericórdia; mas a ideia popular da liberdade e da igualdade não podia morrer. Refugiava-se nas profundezas do povo laborioso; passando de geração em geração, enriquecia-se com uma

experiência sempre crescente, e aparecia de novo, levantando as massas populares cada vez mais alto para a conquista da liberdade, da igualdade e da independência.

Durante a revolução de 1905, os trabalhadores da Rússia entraram na luta com mais experiência que antes, e deram provas duma maior compreensão do seu papel social e histórico. Em 1917, estiveram ainda mais à altura da sua missão.

As massas operárias e camponesas excitaram-se, e entraram na luta quase unanimemente em 1917. Todas as vezes que os poderes de diversas espécies procuraram tirar êste carácter dominante à revolução, substituí-la por transformações políticas, e estabelecer a sua ditadura, as massas revolucionárias — tanto num lugar da Rússia, como noutro — levantaram-se para responder a estas tentativas, e intentaram uma luta encarniçada, dedicando-se para defender e tornar real a sua concepção da ideia social-revolucionária.

Quando o governo de coligação fez menção, no verão de 1917, de instituir um poder ditatorial e de deter o desenvolvimento da revolução, a cidade revolucionária de Cronstádt pôs-se em movimento, e lançou o grito de alarme para a consolidação e avanço da mesma revolução.

Quando, quatro anos mais tarde, o bolxevismo começou, a exemplo do governo da coligação, a liquidar a revolução e a querer retirar as principais conquistas dos trabalhadores, foi a mesma Cronstádt que levantou em Março de 1921 o estandarte da revolta contra a ditadura do bolxevismo.

Quando a Ucrânia revolucionária foi invadida pelos exércitos austriacos e alemães (em 1918), a tentativa de restabelecimento do poder dos grandes proprietários territoriais, a acção contrarrevolucionária de Denikine, a tentativa dos bolxevistas, que queriam submeter ao seu